



O Último Presente de Pedrinho



Arch Oboler

PEDRINHO está morto. O meigo, carinhoso e alegre Pedrinho, dono de uma sabedoria acima de seus pequeninos seis anos, o Pedrinho que nunca andava quando podia correr está morto. Uma parte de mim exclama: “Não! Que bobagem! Quando eu chegar a casa, êle correrá para mim de braços abertos, a carinha brilhando de alegria por ter acontecido de novo o milagre da noite—o papai todo seu voltando para junto dêle. Pedrinho morto? Quem ousaria escrever estas palavras tão cruéis e definitivas?”

Fui eu que as escrevi. Sei com uma certeza de cortar o coração que há não sei quantos dias passados meu filho morreu sob a água negra de uma escavação que a chuva encheu, perto de nossa casa.

As lágrimas e auto-recriminações de um pai pela morte de um filho

não são novas. Nem são novas as palavras de suposto consôlo:

—Sempre acontecem acidentes.... não se pode viver com uma criança prêsa ao cós da saia.... uma fatalidade.... foi o destino....

Mas por causa da morte de Pedrinho eu e minha senhora descobrimos três grandes perigos para as crianças, tràgicamente negligenciados por nós, e cujo conhecimento pode salvar seu filho bem-amado.

Há certas calamidades ou riscos que podem atrair uma criança para o desastre como um pedaço de ferro se move para o ímã. A pistola numa gaveta sem chave, a piscina que não tem cêrca, o iôdo numa prateleira baixa do banheiro. Êstes são perigos óbvios. Mas há outros riscos fatais, que não são tão óbvios, à espera de destruir aquilo que mais amamos.

São o que chamarei de Riscos Familiares. Os fusíveis revestidos de latão, de aparência interessante, que

se projetam da caixa aberta do interruptor. Os anzóis do papai naquela gaveta fácil de abrir. O pesado aparelho elétrico na prateleira de cima, com o fio convidativamente pendurado. A corda com o laço armado na ponta, que titio mandou da fazenda. A porta, no alto da escada íngreme que desce até ao porão de cimento, cujo trinco às vezes pega e às vezes não. A escavação do outro lado da rua, que da noite para o dia pode encher-se de água. Aquêlo fio de lâmpada, velho e poído, ali no chão, tão tentador para a boquinha onde estão nascendo os dentes. O cercadinho perto da entrada de automóveis, com a tabuinha solta, que papai vem pretendendo consertar qualquer dia . . .

Percorra sua própria casa e você os encontrará. São os mil e um riscos que, pela própria natureza da criança ativa, podem causar trágicamente a morte.

Desde que perdemos o nosso filho, temos algumas vezes saído da nossa casa, agora tão vazia, para visitar amigos nossos. E sentimo-nos chocados com os perigos que agora vemos. Numa dessas casas, vi uma criança de dois anos correndo a tôda a velocidade por um chão de pedra, levando numa das mãos um copo que, num segundo fatal, poderia transformar-se numa faca terrível. Mostraram-me, com orgulho, uma casa nova onde, sob as janelas dos quartos de dormir, viam-se bonitas prateleiras nas quais o lourinho da família poderia um dia subir com

facilidade, para cair, pela janela aberta, de uma altura de quatro metros e meio, sôbre o terraço de lajes. Vi aquêlo aparelho de televisão com o fundo aberto, no qual um pai habilidoso tinha feito reparos. Êle removera a tampa protetora da parte traseira e deixara o fio ligado. Em minha imaginação, vi uma garotinha sorridente meter a mão lá dentro e tocar aquêlo demônio: a alta voltagem.

Nenhum daqueles pais era tolo. Acontecia apenas que um copo é um objeto comum, e a criança correr com êle se tornara coisa corriqueira. E, evidentemente, nem um banco de janela, nem um velho aparelho de televisão poderiam jamais fazer mal a alguém!

Assim como é responsabilidade dos pais mandar examinar periódicamente o estado de saúde da criança, é também responsabilidade dêles examinar periódicamente a própria casa, para localizar riscos domésticos, que agora sabemos existir, à espera do momento de desencadear seus horrores.

O segundo perigo que encontramos devido à tragédia de Pedrinho, é o êrro de atribuirmos inconscientemente aos nosso filhos mais moços quase tanta maturidade como a que possuem os filhos mais velhos. Ao primeiro filho diz-se tudo; e mais tarde a pessoa se preocupa porque êle talvez tenha sido objeto de zêlo e mimos excessivos. Isso é compensado com os filhos que vêm depois, acontecendo às vezes que o caçula recebe pouquíssimas atenções dos

pais, no simples setor do que deve e não deve fazer.

O terceiro perigo é que a pessoa pode fazer advertências, mas em termos que não estão ao alcance do pequeno vocabulário de uma criança. Ainda poucos dias antes de Pedrinho morrer, parei com êle junto à escavação que se tornaria o instrumento da sua morte e disse-lhe:

—Pedrinho, eu não quero que você se aproxime dêste buraco. Se chovesse de repente e você caísse dentro dêle, poderia afogar-se.

Acrescentei que, embora sabendo nadar, poderia ser tomado de pânico e entrar em estado de choque.

O garoto pareceu-me a princípio um pouco perplexo com as palavras. Mas depois abanou a cabeça, e eu fiquei descansado, satisfeito com a impressão não apenas de ter ensinado o meu filho a nadar bem, mas de ter implantado na sua cabecinha esperta o perigo existente naquele local.

Sei agora, em minha dor, que me enganei redondamente. Minhas palavras de adulto, “afogar-se”, “ser tomado de pânico” e “choque”, tinham pouca significação para aquêlê menino cheio de vida. Para êle e para tôdas as crianças há sempre um amanhã. Não podem conceber o fim repentino do seu pequeno mundo pessoal, repleto de infinitas maravilhas.

Agora compreendo que minha advertência deveria ter consistido de palavras simples, como “ferir” ou “doer”, e que deveria tê-las ilustrado de maneira a fazê-lo entender claramente que, se esquecesse meu conse-

lho, êle sofreria, como quando tinha dor de dente, ou machucava o dedo, ou caía no chão. O perigo precisava ser exposto em termos que coubessem na sua pequenina experiência pessoal.

PEDRINHO era um dos garotos mais generosos que já conheci, mesmo numa idade em que, segundo os livros, as crianças são egoístas, irrefletidas e gananciosas. Lembro-me da ocasião em que êle deu de presente a um colega de escola um lindo caminhão novinho em fôlha que descarregava automaticamente e, porque, conforme suas próprias palavras. “O menino precisava dêle! Não tinha brinquedo nenhum!” Respondi-lhe que ser generoso, bonzinho e despreendido era muito bonito, porém aquêlê brinquedo era um presente de aniversário todo especial, que êle desejara muito, e que eu não podia compreender por que motivo êle não dera ao menino necessitado outro brinquedo mais velho.

Pedrinho levantou a carinha para mim e sorriu o seu sorriso meigo e cheio de amor. Foi essa a sua resposta.

É possível que levando a todos, por meu intermédio, a consciência dos perigos que rondam nossas casas e que todos nós esquecemos com muita facilidade, Pedrinho tenha praticado o seu último ato de bondade e generosidade. O preço foi muito alto, mas pudesse eu perguntar-lhe se teria valido a pena, sei que me responderia com aquêlê sorriso meigo e cheio de amor